

**AS METODOLOGIAS ATIVAS ALIADAS ÀS TDICs
PARA POTENCIALIZAÇÃO DA INTERAÇÃO NAS AULAS
REMOTAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E COLABORAÇÃO
PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Edilaine da Silva Freitas (UENF)

edilainefreitas_21@hotmail.com

Sérgio Arruda (UENF)

arruda@uenf.br

Roberta Santana Barroso (UENF)

robertasbf@hotmail.com

Vanessa Amaral Tinoco (UENF)

galaxe5645@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo apresentar conceitos de metodologias e evidenciar algumas que se destacam atualmente, além de investigar sua relevância para a proposta de uma educação inovadora. Ainda discorre sobre a importância das TDICs como auxiliares na aplicação dessas metodologias colaborando para que as aulas remotas de Língua Portuguesa sejam mais interessantes, significativas e auxiliem na potencialização da interação entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Com os avanços contínuos, os jovens se encontram em contato com múltiplos recursos tecnológicos, experimentam um mundo de informações com uma rapidez assustadora e, para alcançá-los, sugere-se que o professor seja um mediador e os mantenha ativos. As metodologias ativas colaboram para incentivar o protagonismo juvenil e a interação em sala de aula, em especial, no contexto atual, no qual as aulas acontecem remotamente. Isso se torna mais viável e possível com a evolução das TDICs. Este trabalho é metodologicamente estruturado por uma pesquisa bibliográfica, composta de fontes teóricas que definem e discutem a educação inovadora por meio das metodologias ativas e apostam nas TDICs como suporte para efetivação de uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave:

Interação. TDICs. Metodologias ativas.

ABSTRACT

This study aims to present concepts of methodologies and highlight some that currently stand out, in addition to investigating their relevance to the provision of innovative education. The importance of TIDCs as aids in the application of these methodologies is also discussed, collaborating so that remote Portuguese language classes are more interesting, meaningful and assist in enhancing the interaction between those involved in the teaching and learning process. With the continuous advances, young people are in contact with multiple technological resources, experience a world of information with a frightening speed and, to reach them, it is suggested that the

teacher be a mediator and keep them active. Active methodologies collaborate to encourage youth protagonism and classroom interaction, especially in the current context, in which classes take place remotely. This becomes more feasible and possible with the evolution of TDICs. This work is methodologically structured by a bibliographic research, composed of theoretical sources that define and discuss innovative education through active methodologies and bet on TDICs as a support for the realization of a meaningful learning.

Keywords:

Interaction. TDICs. Active methodologies.

1. Introdução

A evolução das formas de mediação técnica e interativa é contínua em todas as áreas e não apenas as de comunicação e informação. Ao observar qualquer contexto de trabalho ou profissão em âmbito atual e compará-los a uma de suas versões anteriores é possível perceber o quanto sofreram alterações com o passar do tempo. A moda, os gostos, as ferramentas, tudo é criado, renovado e até mesmo substituído por outros melhores e mais eficazes. Algo natural e necessário por se tratar de uma realidade que envolve o homem e este se encontrar em constante mudança. Por uma questão de sobrevivência, o homem precisa se adaptar à realidade em que se encontra e evoluir com as experiências diárias.

A Educação, apesar de lentamente, também tem buscado se adequar aos avanços e à nova clientela que apresenta outro perfil. Há muito o que progredir, pois ainda existem profissionais e instituições que se encontram totalmente presos ao modo tradicional de ensino. A própria estrutura física da sala, com os alunos sentados em filas, virados para frente, com caneta e caderno sobre a mesa, permanecendo em silêncio e esperando para ouvir o professor, é uma realidade no contexto educacional. Há muitas discussões e pesquisas sobre renovação no ensino, por meio de práticas inovadoras que deixam o aluno ativo em todo o processo de ensino e aprendizagem, e que tem seu protagonismo incentivado e praticado. Mas o que de fato seria isso? Abandonar todas as estratégias tradicionais e começar do zero? Não é bem assim. Muitas dessas práticas vêm sendo testadas e desenvolvidas nas mais diversas salas de aula do mundo. Há sempre aqueles professores que tentam mudanças em sua forma de ensinar para atrair o seu público. As metodologias que hoje são chamadas de ativas já faziam parte do contexto de algumas aulas, mesmo não tendo essa nomenclatura.

O que se sabe é que, com toda essa evolução nas diversas áreas, com um aumento assustador na divulgação e no acesso à informação, fica impossível permanecer ensinando no modelo antigo, no qual o professor era o que sabia e o que decidia, aquele que tinha a função de passar, transmitir o seu conhecimento. Percebe-se que é urgente que o professor assuma o papel de mediador, expondo o aluno a uma experiência emocionante de aprendizagem, de forma que ele possa aprender, praticar explorar o amplo universo do conhecimento. O educador precisa ser um incentivador da busca pelo conhecimento e um provocador do protagonismo dos jovens.

Ademais, é necessário observar que, em meio a tantas mudanças e a uma revolução tecnológica, surgem novos contextos de aprendizagens nos quais é permitido todos ensinarem e aprenderem, cada um em seu tempo e modo, e se tornarem ativos e observadores em todo o processo. Hodiernamente, os alunos têm contato com uma gama imensa de informações, o que precisam é de direcionamento para transformarem-nas em conhecimento e colocá-las em prática. Segundo Luckesi-Bastos (1996), adquirir conhecimentos não é só compreender a realidade retendo informações, mas utilizando-se destas para desvendar o novo e avançar, porque, quanto mais competente for o entendimento do mundo, mais satisfatório está a ação do sujeito que a detém. (LUCKESI; BASTOS, 1996, *apud* ALVES, 2013).

Nesse contexto de tantas transformações, em especial no período no qual as aulas presenciais foram suspensas no Brasil por motivo da pandemia Covid 19, no qual houve uma mudança repentina para o ensino remoto emergencial, sem treinamento prévio e sem uma estrutura adequada, levanta-se a seguinte questão-problema: de que maneira as metodologias ativas aliadas às TDICs podem potencializar a interação nas aulas remotas e colaborar para a efetivação de uma aprendizagem significativa?

Para responder à questão-problema, foi necessário lançar mão dos procedimentos de pesquisa. Primeiramente realizou-se um levantamento de autores que dialogam com a ideia de que as metodologias ativas podem facilitar o ensino e promover a interação entre os envolvidos. Depois, buscou-se investigar como se deu o processo de evolução das Tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) e como isso impactou no ensino na atualidade.

2. A evolução das tecnologias da informação e da comunicação

A evolução da tecnologia da informação e da comunicação aconteceu gradativamente ao longo da história para suprir as necessidades do ser humano. Inicialmente, faz-se necessário entender o que seria a tecnologia e desconectá-la do seu conceito centrado apenas em aparelhos eletrônicos, afinal, percorreu-se um longo caminho para a chegada até eles. É interessante ressaltar que a palavra tecnologia vem de radicais gregos: *tekhne* (técnica, arte, ofício) e *logos* (conjunto dos saberes); e, observando sua etimologia, fica clara a noção que a define como a busca por um melhor conhecimento das coisas para, assim, utilizá-las da melhor forma em atendimento às necessidades. Segundo Betz (1997), a tecnologia é “o conhecimento de se fazer algo, ou melhor, o conhecimento da manipulação da natureza para finalidades humanas” (BETZ *apud* CASTILHO, 2015, p. 33).

O ser humano com sua capacidade e inteligência foi aperfeiçoando suas técnicas a fim de atender às necessidades de cada momento. Houve períodos nos quais apenas a comunicação gestual e a oral davam conta, mas à medida que o tempo foi passando, percebeu-se que seria preciso aprimorar e criar novas técnicas. Consoante Freixo (2006), “a comunicação é a capacidade que um indivíduo ou um grupo possuem em transmitirem as suas ideias ou sentimentos a outros grupos (...) (FREIXO *apud* ALVES, 2013, p. 18)”. Essa transmissão se deu de diversas formas no percurso da evolução humana, até que surgiu a necessidade de registrar o que deveria ser transmitido e, assim, surgiu a escrita, que se inicia com uma simples representação pictórica e evolui até chegar ao alfabeto. Como afirma Gebran (2009), a história da tecnologia tem, consequentemente, embutido a cronologia do uso dos recursos naturais e segue uma progressão: das ferramentas de energia simples às fontes de energia complexa (GEBRAN *apud* ERNESTO, 2018, p. 25).

Dentre as grandes conquistas desse processo de evolução, alguns feitos se destacam. A descoberta do fogo, a manipulação da natureza para sua conversão em utensílios, armas, ferramentas para o trabalho, caça, pesca foram de suma importância, mas um dos fatos mais marcantes foi a aquisição da escrita que colabora diretamente para a divulgação da informação, que não seria apenas recontada e, sim, permaneceria arquivada, fixada, para que outros tivessem acesso quando preciso. Durante muito tempo, a reprodução dos escritos (livros) deu conta dos anseios vigentes, mas o fato de serem os copistas – pessoas que dominavam a escrita e faziam cópias dos textos – os reprodutores das obras, a cada

registro e de acordo com a interpretação, surgiam várias versões da mesma obra e ainda havia a lentidão e dificuldade de manuseio e transporte por conta do tamanho e material utilizado para a reprodução.

Os anseios humanos só aumentavam, experimentos e descobertas em contínua progressão. Assim, em 1450, na Alemanha, Gutemberg cria a prensa, e isso foi um outro marco dos avanços tecnológicos. Essa criação abriu portas para a popularização da informação por meio do livro. E outras possibilidades e instrumentos foram aparecendo: o jornal, o telégrafo, o telefone, o rádio e a televisão. O aperfeiçoamento e melhoramento dos meios de comunicação eram evidentes, tornavam-se mais ágeis possibilitando uma ampla divulgação.

O século XX trouxe várias evoluções tecnológicas, dentre elas, os satélites de telecomunicações. Nesse mesmo século, por volta da década de 40, começou-se a desenhar a ideia dos computadores; naquela época, máquinas imensas, caras e que consumiam muita energia. Só quase meio século depois, os primeiros computadores pessoais foram criados. A partir desse grande passo, as máquinas diminuíram seu tamanho e aumentaram sua capacidade. Em meio a essa progressão evolutiva, na década de 60, a Advanced Research Projects Agency (ARPA) é criada por militares nos EUA, essa ficaria registrada como precursora da internet. Segundo Alves (2013), a internet vem não só ampliar as formas de comunicação como aumentar as fronteiras do conhecimento. Ela já é considerada a maior fonte de informação existente e a de mais rápido acesso (ALVES, 2013, p.33). Todo esse processo configura-se na TDICs, cujos avanços são de grande importância para a potencialização da interação por meio das metodologias ativas e um mundo conectado, especialmente, em tempos nos quais as aulas presenciais permanecem suspensas. Para que o ensino emergencial remoto fluísse, foram necessárias adaptações e aproveitamento das tecnologias existentes para que o processo de ensino e aprendizagem não parasse.

Para Moran (2018),

[...] as metodologias ativas, num mundo conectado e digital, expressam-se por meio de modelos de ensino híbrido, com muitas possibilidades de combinações. A junção de metodologias ativas com modelos flexíveis traz contribuições importantes para o desenho de soluções atuais para os aprendizes de hoje. (MORAN, 2018, p. 4)

O avanço nas tecnologias da informação e da comunicação proporcionou a possibilidade de novas formas de ensino viabilizados pela aplicação de variadas metodologias. A união desse avanço com as meto-

dologias ativas de ensino possibilita experiências singulares nas quais há uma potencialização da interação resultando em uma autonomia ampliada no contexto de sala de aula. Moran (2018) afirma que “a combinação de metodologias ativas com tecnologias digitais móveis é hoje estratégia para inovação pedagógica” (MORAN, 2018, p.12).

É importante ressaltar que com tanta inovação é necessário que os alunos sejam inseridos nesse universo para que não fiquem perdidos. Não basta ter acesso à rede e estar conectado, é relevante que se tenha o domínio digital e aproveitem as chances para buscar a informação e mergulhar no universo rico que lhe está disponível. Sendo assim, percebe-se que deve acontecer uma mudança de mentalidade para o aproveitamento real desse espaço no qual ficam todos que estão conectados. A utilização da rede pelos jovens não é algo novo. A geração que vivencia o ensino remoto emergencial é conhecida como nativos digitais. Sobre essa definição, Marc Prensky (2001) afirma:

Os Nativos Digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas. Eles preferem os seus gráficos antes do texto ao invés do oposto. Eles preferem acesso aleatório (como hipertexto). Eles trabalham melhor quando ligados a uma rede de contatos. Eles têm sucesso com gratificações instantâneas e recompensas frequentes. Eles preferem jogos a trabalho “sério”. (PRENSKY *apud* SOUZA; CARDOSO, 2011, p. 75)

Para Lévy (1999), estar conectado em rede é permanecer no ciberespaço. Sendo assim, acrescenta:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 13)

É importante ressaltar que há alguns problemas que dificultam todo esse processo. Infelizmente, a desigualdade social que assola o país e que, em tempos de ensino remoto, refletiu-se na exclusão digital é um problema que deve ser discutido. As TDICs vieram para facilitar o trabalho do professor e colaborar para uma participação mais ativa e interativa dos alunos, mas é sabido que grande parte da população não possui acesso a essas tecnologias e nem consegue ficar conectado o tempo necessá-

rio. Essa realidade foi experimentada por muitos profissionais da educação neste período que perceberam a dificuldade em alcançar alguns alunos por não terem a estrutura exigida para a efetivação das propostas das aulas remotas. Evidenciam-se assim os inúmeros desafios que devem ser enfrentados. Moran (2018) acrescenta que mundo é híbrido e ativo, o ensino e a aprendizagem também, com muitos caminhos e itinerários que precisam conhecer, acompanhar, avaliar e compartilhar de forma aberta, coerente e empreendedora (MORAN, 2018, p. 11).

A utilização dos diversos meios de comunicação no ensino é de suma importância. Segundo Moran (1994), os meios podem ser utilizados também como instrução, informação, formas de passar conteúdos organizados, claros e sequenciais (MORAN, 1994, p. 21). O que era uma opção passou ser uma possibilidade de levar o conhecimento em tempos de pandemia. A escola teve que estabelecer pontes por meio das tecnologias digitais para alcançar o aluno e não perder o vínculo.

Passarelli (2004) afirma que “tanto ensino a distância como a educação presencial, a pedra de toque de modelo pedagógico que inclui as tecnologias é o estímulo à aprendizagem cooperativa, colaborativa e à autoaprendizagem. Para isso ser viável, um caminho é levar em conta o que se entende por interação construtiva” (PASSARELLI, 2004, p. 59). Mesmo antes da interrupção das aulas presenciais, vislumbrava-se a inserção dos meios tecnológicos digitais no ensino por acreditar neles como grandes aliados na aquisição do conhecimento por meio de uma maior interação e protagonismo dos alunos.

Segundo Marcushi (2010), o sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo assim na natureza dos recursos linguísticos utilizados (MARCUSCHI, 2010, p. 23).

A Base Comum Curricular (BNCC), documento normativo criado após muitas discussões para minimizar a desigualdade no ensino, basilando-o, busca o desenvolvimento de competências que respondam às necessidades dos alunos. A base descreve que “as competências e diretrizes são comuns, os currículos são diversos” (BRASIL. BNCC, 2018, p. 11). A utilização das TDICs são citadas em várias competências da BNCC, a saber das gerais:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conheci-

mentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL. BNCC, 2018, p. 9)

As TDICs são instrumentos que podem ser de grande valia para a produção de sentido e construção de uma aprendizagem significativa. A BNCC documento norteador desse processo de ensino preocupa-se com a formação integral do aluno e prevê em suas competências a inserção desses jovens no universo tecnológico. É possível perceber como a evolução das tecnologias da informação e da comunicação evoluem continuamente e se tornam aliadas às metodologias inovadoras no processo de ensino e aprendizagem. Cabe ao professor, lançar mão delas para construir um ambiente interativo e incentivar o protagonismo do aluno, urgentemente, neste período no qual as aulas acontecem remotamente.

3. *As metodologias ativas: conceituação e aplicação nas aulas de Língua Portuguesa*

As metodologias ativas vêm ganhando destaque no século XXI, isso por estar nítido que é necessária uma mudança na forma de ensinar e na mentalidade de quem ensina, assim como no pensar dos aprendizes. É urgente fazer com que as aulas sejam experiências vivas de aprendizagem, nas quais os estudantes possam trazer sua vivência e todo o conhecimento acumulado ao longo da vida, participando ativamente e tendo sua curiosidade aguçada para avançar cada vez mais.

Moran (2018) declara que as metodologias ativas englobam uma concepção do processo de ensino e aprendizagem que considera a participação efetiva dos alunos na construção da sua aprendizagem, valorizando as diferentes formas pelas quais eles podem ser envolvidos nesse processo para que aprendam melhor, em seu próprio ritmo, tempo e estilo (MORAN, 2018, Prefácio).

A sociedade atual apresenta uma velocidade inacreditável com relação à divulgação de informações. A busca pelo conhecimento e o encontro dele têm ocorrido de forma mais ágil e é nesse contexto que os jovens estão inseridos. Sendo assim, o educador deve ter um olhar atento

para todo o processo e compreensão da aprendizagem, inovando e tentando atrair esses jovens. Moran (2018) ressalta ainda que a vida é um processo de aprendizagem ativa de enfrentamento de desafios cada vez mais complexos (MORAN, 2018, p. 2). Então, no contexto de sala aula esse enfrentamento deve permanecer para que haja uma preparação para que os alunos sejam capazes de solucionar os problemas, posicionarem-se e encontrarem respostas.

Assim, a mudança deve ocorrer no fazer pedagógico, na atuação do professor e na mentalidade de todos os envolvidos no ensino. Não há mais espaço para professor que durante muito tempo foi considerado o detentor de todo o conhecimento e aquele que seria o responsável para transmiti-lo para o aluno, que teria que anotar, pesquisar, aprender, repetir e ser testado a todo momento. Ensinar não é isso. Os alunos não são depósitos vazios que precisam ser preenchidos. Ensinar é ir além, é mediar para que busquem o conhecimento, solucionem problemas e encontrem respostas. A prática faz com que se tornem verdadeiros protagonistas e descubram vários caminhos para chegar às respostas, respeitando seu tempo. Moran (2018) corrobora essa ideia, destacando o quanto o professor com esse perfil inovador ganha relevância e pode ajudar os alunos a irem além de onde conseguiriam ir sozinhos, sendo motivadores, questionadores, orientadores. O autor ainda completa:

Os bons professores e orientadores sempre foram e serão fundamentais para avançarmos na aprendizagem. Eles ajudam a desenhar roteiros interessantes, problematizam, orientam, ampliam os cenários, as questões, os caminhos a serem percorridos. O diferente hoje é que eles não precisam estar o tempo todo junto com os alunos, nem precisam estar explicando as informações para todos. (MORAN, 2018, p. 9)

A ideia de que não há necessidade de o professor estar o tempo todo ao lado do aluno explicando informações para todos desde a ideia inicial do que deve ser ensinado até o momento prático vem sendo substituída por práticas inovadoras. As metodologias ativas se apresentam de diversas formas, mas têm em comum a ideia de incentivar o protagonismo e fazer com que o aluno participe ativamente de todo o processo de ensino e aprendizagem, sendo autônomo e construindo junto com seus pares. No meio educacional, devem ser inseridas novas técnicas de forma dosada; elas precisam ser adaptadas a cada realidade, respeitando o individual e o coletivo, as diferenças físicas, psicológicas e sociais. Os jogos, os projetos, a atividade colaborativa, a utilização das mídias e das tecnologias digitais não podem ser consideradas os únicos meios e a melhor

forma de aplicação para todos os alunos. A observação e conhecimento do ambiente e do público é fundamental.

A visão de que existe a necessidade de estreitar a relação entre a teoria e a prática já fazia parte dos ideais de Jonh Dewey em 1930. Não é recomendado que o pensamento ocorra isolado da ação. O mais importante e produtivo é criar condições para que o aluno possa seguir, solucionando os problemas. Para Daros e Camargo (2018), “criar condições de ter uma participação mais ativa dos alunos implica, absolutamente, a mudança da prática e o desenvolvimento de estratégias que garantam a organização de um aprendizado mais interativo e intimamente ligado com as situações reais” (CAMARGO; DAROS, 2018, p. 4).

As aulas de Língua Portuguesa, em tempos de ensino remoto, podem ser mais interessantes e significativas quando se lança mão das metodologias ativas juntamente com as TDICs a fim de potencializar a interação e incentivar o protagonismo. As tecnologias digitais que há muito eram criticadas e proibidas no contexto escolar passaram a ser fundamentais para o ensino a distância colaborando para a superação das dificuldades encontradas neste encontro com o novo, vivenciado atualmente por todos.

A atividade colaborativa e a sala de aula invertida são métodos de grande valia para o ensino. Trabalhar um novo conteúdo de Língua ou Literatura, após já ter instigado, preparado e inserido o aluno naquele universo, colabora para melhores resultados. Além disso, quando se propõe uma atividade na qual o aluno pode contar com a bagagem de seus pares, há uma ampliação, multiplicação de conhecimento. Existem várias ferramentas digitais que facilitam essa organização e comunicação entre os pares, como o *WhatsApp*, *Facebook*, fóruns, salas virtuais, *Classroom*, o próprio *google meet* e outros.

A sala de aula invertida é uma metodologia ativa de aprendizagem que foi inspirada na necessidade dos alunos de uma escola no Colorado, Estados Unidos e idealizada por dois professores, Jonathan Bergman e Aaron Sams, em 2016. Para solucionar ou minimizar o problema da perda de algumas aulas e a dificuldade de aprendizagem por parte de alguns alunos, utilizando alguns softwares, começaram a gravar as aulas e a postar para que os alunos as acessassem. A aceitação foi ótima e até os alunos que haviam participado da aula assistiam a elas novamente para tirar dúvidas e ampliar o conhecimento. A repercussão foi muito positiva. A partir dessa experiência, surge a ideia de colocar os alunos

para assistirem a vídeos com conteúdo como atividade de casa e utilizarem o tempo na sala para tirarem dúvidas e praticarem com a realização dos exercícios. Bergman e Sams (2020) definem o modelo de forma resumida: “o que tradicionalmente é feito em sala de aula, agora é executado em casa, e o que tradicionalmente é feito como trabalho de casa, agora é realizado em sala de aula” (BERGMANN; SAMS, 2020, p. 11).

Bergmann e Sams (2020) acrescentam:

A sala de aula invertida de aprendizagem para o domínio associa os princípios da aprendizagem para o domínio à tecnologia de informação para criar um ambiente de aprendizagem sustentável, replicável e gerenciável. Ao entrar em uma de nossas salas de aula, você se surpreenderá com o volume de atividades assíncronas. Basicamente, todos os alunos trabalham em tarefas diferentes, em momentos diferentes, empenhados e engajados na própria aprendizagem. Alguns fazem experimentos ou desenvolvem pesquisas, outros assistem a vídeos em seus dispositivos pessoais, outros se reúnem em equipes para dominar objetivos, outros interagem com o quadro branco para fazer simulações on-line, outros estudam em pequenos grupos, e há ainda outros que fazem testes ou provas no computador da escola ou em seus dispositivos pessoais. Você também verá alguns alunos trabalhando individualmente ou em pequenos grupos com o professor. (BERGMANN; SAMS, 2020, p. 49)

Os autores afirmam que esse modelo de aprendizagem “estabelece um referencial que oferece aos estudantes uma educação personalizada, ajustada sob medida às suas necessidades individuais” (BERGMANN; SAMS, 2020, p. 6). É possível aplicar a metodologia em qualquer área do conhecimento, mas para isso é necessário planejamento prévio. Por meio dessa aplicação, ainda podem-se propor atividades nas quais os alunos tenham que se apresentar para solucionar alguma questão em pares. Assim, segundo Moran (2018), o aluno então pode compartilhar sua compreensão desse tema com os colegas e o professor, em níveis de interação e ampliação progressivos, com participação em dinâmicas grupais, projetos, discussões e sínteses, em momentos posteriores que podem ser híbridos, presenciais e on-line, combinados (MORAN, 2018, p. 13).

As aulas de Língua Portuguesa não podem permanecer no mesmo perfil. Os professores precisam assumir o papel de mediadores e ter como objetivo gerar reflexões sobre a língua para desenvolver as competências comunicativas necessárias para a formação do aluno. A sala de aula invertida possibilita uma interação maior, em especial, aliada às TDICs, pois é possível lançar mãos de textos em PDF, vídeos, direcionamentos pelo *powerpoint* ou até mesmo a indicação de algum vídeo que

aguce a curiosidade do aluno. Um outro ponto positivo é que a aprendizagem colaborativa pode acontecer no momento da aula com formação de grupos online para realização da tarefa ou produção textual como também pode ser realizada em momentos assíncronos por meio *Google Meet* ou ligações em grupo pelo *WhatsApp*. Essas práticas podem, inclusive, despertar interesse no aluno por se tratar do meio digital. Ainda é possível propostas de produção textual por meio dos instrumentos digitais, nos quais as produções acontecerão coletivamente.

Moran (2018) considera, enfim, que a combinação de tantos ambientes e possibilidades de troca, colaboração, coprodução e compartilhamento entre pessoas com habilidades diferentes e objetivos comuns traz inúmeras oportunidades de ampliar nossos horizontes, desenhar processos, projetos e descobertas, construir soluções e produtos e mudar valores, atitudes e mentalidades (MORAN, 2018, p. 8).

4. Considerações finais

A evolução acontece em nosso meio e isso torna-se cada vez mais perceptível. A capacidade que o homem tem de manipular a natureza para atender suas necessidades tem ficado cada vez mais eficaz espara a resolução de problemas. A tecnologia da informação e da comunicação em sua constante evolução já mudou para melhor o cenário e ampliou a divulgação do conhecimento. A geração atual, conhecida como nativos digitais, nasceu em um meio totalmente mediado pelas tecnologias, sendo assim, em sua maioria, encontram uma facilidade enorme de lidar com as tecnologias. As diversas áreas existentes vão se atualizando ao longo dos tempos. Um centro cirúrgico, um ambiente de pesquisa, um escritório, impossível não encontrar gigantescas mudanças olhando para o passado. Na educação não poderia ser diferente, pois ela caminha, mesmo que lentamente para uma inovação.

Com o surgimento de novos contextos de aprendizagem e com um público diferenciado torna-se urgente renovar as metodologias aplicadas. Nesse contexto inserem-se as metodologias ativas que buscam colocar o aluno como o centro do processo de ensino aprendizagem tornando-o mais ativo, um ser observador que trilha seu caminho por meio da investigação, da busca pelo conhecimento de forma orientada, mediada pelo professor.

Sendo assim, nota-se que as metodologias ativas aliadas às TDICs podem potencializar a interação em sala de aula, presencial ou remota, e possibilitar uma aprendizagem mais significativa. Essas mudanças foram idealizadas e inseridas gradativamente no ensino. Há tempos, os meios e as tecnologias são utilizadas por alguns professores. A própria BNCC busca o desenvolvimento de competências que envolvam o meio digital e o protagonismo juvenil. Isso se tornou ainda mais urgente a partir de março deste ano, mês no qual houve uma mudança repentina no Brasil por conta da pandemia, Covid 19, e migrou-se para o ensino remoto emergencial. A educação a distância já era uma realidade do ensino superior, porém configurava-se em algo planejado antecipadamente. As aulas remotas emergenciais aconteceram sem um prévio planejamento e abarcou também a educação básica. Neste tempo de isolamento, em que os profissionais de educação e os alunos tiveram que se adequar de forma repentina, surgiram inúmeros obstáculos, desde a falta de prática a questões sociais que ocasionaram a exclusão digital, mas é sabido que houve grande aprendizado e avanços.

Ficou ainda mais evidente o quanto as TDICs podem colaborar positivamente para que uma aula seja mais atrativa, além de mostrar que os alunos são capazes de construir seu conhecimento sendo mediados e orientados, desenvolvendo ao longo das aulas um senso de responsabilidade com o estudo e vivenciando uma experiência emocionante de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Carlos Antônio Dias. *Tecnologias e Novos Modos de Comunicação: A (RE) Invenção do Conhecimento no Ciberespaço Na Percepção dos Docentes Imigrantes Digitais de uma Universidade Pública*. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) – UENF. Campos dos Goytacazes-RJ, 2013.

BERGMANN, J.; SAMS A. *Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*. Trad. de Afonso Celso da Cunha, 1. ed. Reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2020.

BRASIL. BNCC. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. *A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo*. Porto Alegre; Penso, 2018.

CASTILHO, Luciane Barbosa. *O uso da tecnologia da informação e comunicação (TIC) no processo de ensino e aprendizagem em cursos superiores*. Dissertação (Mestrado em Gestão de sistemas de informação) – UFUMEC. Belo Horizonte, MG, 2015.

ERNESTO, Talita da Silva. *Tecnologia na formação docente: uma análise curricular do PPC de Pedagogia Presencial da UENF*. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem). UENF. Campos dos Goytacazes-RJ, 2018. 99f.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs). *Hipertexto e gêneros digitais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MORAN, J. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018.

MORAN, José Manuel. *Os meios de comunicação na escola*. São Paulo: FDE, 1994. (Série Ideias n. 9)

PASSARELLI, L. *Ensinando a escrita: o processual e o lúdico*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de e CARDOSO, Carla. As Redes Sociais Digitais: Um mundo em transformação. *Agenda Social*, v. 5, n. 1, p. 65-78, jan-abr/2011.